

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE O CORPO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ENTRE 2012 E 2022

PRODUCTION OF KNOWLEDGE ABOUT THE BODY IN THE FIELD OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION BETWEEN 2012 AND 2022

Diliane do Socorro Maciel Ferreira 1

Renan Santos Furtado 2

Jonas Gomes Pinheiro 3

Resumo: O presente estudo trata sobre o lugar da categoria corpo na recente produção de conhecimento em Educação Física, especialmente em periódicos da área vinculados ao campo das ciências humanas e sociais. Desse modo, temos a seguinte questão-problema: qual o lugar da categoria corpo na produção de conhecimento sobre Educação Física escolar, entre 2012 e 2022, em periódicos científicos da área? Metodologicamente, por via da técnica da análise de conteúdo e a partir do termo chave de busca do material, denominado "corpo e Educação Física escolar", estudamos dez trabalhos publicados nas revistas *Motrivivência*, *Movimento*, *Conexões* e *Corpoconsciência*. Assim, como síntese explicativa desse movimento de pesquisa, formulamos as seguintes categorias: 1) Corpo e suas diferenciações dentro da Educação Física; 2) Educação Física escolar e culturas; 3) Ludicidade, brincadeira e Educação Física escolar. O estudo apontou a diversificação dos debates em torno do corpo quando conectado com a Educação Física escolar na contemporaneidade, expressando a relação entre corpo e diversidade, ludicidade e cultura.

Palavras-chave: Corpo. Educação Física Escolar. Produção de Conhecimento. Educação do Corpo.

Abstract: The present study deals with on the place of the body category in the recent production of knowledge in Physical Education, especially in periodicals in the area linked to the field of human and social sciences. Thus, we have the following question-problem: what is the place of the body category in the production of knowledge about school Physical Education, between 2012 and 2022, in scientific journals in the area? Methodologically, using the technique of content analysis and using the key term used to search for the material, called "body and school Physical Education", we studied ten works published in the journals *Motrivivência*, *Movimento*, *Conexões* and *Corpoconsciência*. Thus, as an explanatory synthesis of this research movement, we formulated the following categories: 1) Body and its differentiations within Physical Education; 2) School Physical Education and cultures; 3) Ludicity, games and Physical Education at school. The study pointed to the diversification of debates around the body when connected with contemporary Physical Education at school, expressing the relationship between body and diversity, playfulness and culture.

Keywords: Body. School Physical Education. Knowledge Production. Body Education.

- 1 Graduada em Educação Física (UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6560033719285566>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0423-755X>. E-mail: dilianemaciel1501@gmail.com
- 2 Doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA), e graduado em Educação Física (UFPA). É professor da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0724633321532061>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7871-2030>. E-mail: renan.furtado@yahoo.com.br
- 3 Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA), e graduado em Educação Física (UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3257161461742544>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8731-0922>. E-mail: jonasitacuruca@gmail.com

Introdução

O presente estudo trata do lugar da categoria corpo na recente produção de conhecimento em Educação Física, especialmente em periódicos da área vinculados ao campo das ciências humanas e sociais. Tal discussão se torna importante em virtude da relevância desse conceito para o campo da Educação Física escolar e para a definição de certos rumos da sua prática pedagógica na escola contemporânea.

A Educação Física possui um histórico ao menos problemático com o corpo. Na constituição da disciplina nos estados nacionais europeus no século XIX, o corpo e as atividades corporais foram utilizados como meios para a educação moral e conformação dos sujeitos ao *status quo*. Grosso modo, existia certa crença de que seria possível disciplinar os sujeitos por via da intervenção racionalizada nos seus corpos (Soares, 2007). Nos termos de Foucault (2000), a ideologia burguesa encontraria nas formas de exercitação corporal produzidas na modernidade um caminho para a dominação efetiva dos sujeitos.

A obra de Mauss (2003) trata sobre as técnicas que o corpo humano tem, as quais o sujeito adquire com o decorrer do tempo e da aprendizagem. Mauss afirma que outrora existia uma forma de nadar, ensinada pelos mais velhos (experientes), cujo modo como era repassada se mostra diferente da qual se dá atualmente. Antes, ensinava-se a nadar com os olhos fechados, até mesmo para que os sujeitos não fossem prejudicados, e a respiração era feita somente ao sair da superfície da água. Porém, com as novas técnicas, isso passou a ser diferente, e o modo que era, até então, simples de se aprender, tornou-se mais complexo. As crianças, por exemplo, começam a se habituar e, ao mesmo tempo, familiarizar-se com a água primeiro; são mantidas dentro da água com os olhos completamente abertos. Essa ação acontece para que elas possam inibir seus medos e, dessa maneira, criar uma segurança para efetuar com mais facilidade as movimentações e ações durante essa prática.

Le Breton (2007) trata da sociologia do corpo como compreensão da corporeidade humana, com destaque para o fenômeno social e cultural, enfatizando, nessa construção, o imaginário. Em virtude do ser social/cultural que o corpo engloba, é possível afirmar que ele é responsável por diversas expressões humanas existentes nos dias de hoje. Assim, o corpo expressa sentimentos, angústia, medo, raiva, carinho e outros aspectos.

Segundo Le Breton (2007), o corpo é um emissor e receptor e, com isso, produz sentidos continuamente, o que insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural. Então, podemos dizer, que, por meio do corpo, o homem consegue adentrar diversos espaços e lugares, devido a todo conhecimento adquirido e expresso pelo seu corpo durante a sua formação como sujeito.

O estudo do autor supracitado relata uma época na qual o corpo era considerado como um corpo luxuoso. Olhando para o tempo presente, observamos que isso ainda não mudou de forma significativa. Na atualidade, o corpo é apontado como objeto de sedução, trabalho e, acima de tudo, como um corpo perfeito. A sociedade insiste em impor a determinação de que as pessoas, para estarem adequadas e padronizadas, precisam seguir um tipo de corpo cujo modelo nos é apresentado pelas academias de ginástica, onde o corpo é moldado até que esteja dentro dos padrões determinados. Dessa forma, o corpo que antes seguia seu próprio percurso natural, tende a se adequar a uma norma, a uma realidade que lhe foi imposta.

A sociologia do corpo traz consigo a relação do corpo com o espaço ou zona. Nessa concepção, o corpo tem uma relação intensa e simultânea com o social e cultural, e isso tem conexão com o ambiente de trabalho e familiar, o mundo rural, a vida cotidiana, a juventude e, até, com a morte. De certo modo, a sociologia do corpo demonstra o quanto o corpo é frágil em determinadas situações ou acontecimentos.

De acordo com Le Breton (2007), a sociologia do corpo tem três momentos significativos, os quais ajudam a entender melhor todo esse processo de construção do corpo durante o traslado da história modernidade, a dizer: a) a sociologia implícita, que trata do corpo de modo assistemático e diluído em outros temas sociais; a sociologia pontilhada, a qual traz alguns elementos de análise que têm relação com o corpo, mas não sistematizam as sínteses deles; por último, a sociologia do corpo, que faz inclinações direcionadas ao próprio corpo, relacionando-o com as tramas social e

cultural, que se apresentam fazendo analogias e interseções na corporeidade humana.

Após as considerações de autores reconhecidos que versam sobre a importância do corpo dentro da sociedade contemporânea, percebemos uma grande ação voltada para as diversas formas de se pensar a presença do corpo, assim como as diferentes formas de relação com ele, visto que existe uma certa influência no que se refere ao lado cultural, social, político e científico. Por essa razão, é importante que se pense o corpo no contexto presente, isto é, voltado para o seu próprio reconhecimento, dado que o corpo não pode ser prisioneiro nem compreendido somente para fins epidemiológicos. Além disso, é preciso pensar o corpo na educação, uma vez que a escola é uma instituição fundamental na formação dos sujeitos.

Como resultado do permanente processo de desconsideração do corpo e do movimento dentro da escola, a Educação Física sofre duras consequências. Uma delas diz respeito à tendência pela não valorização dentro do projeto de formação de crianças, jovens, adultos e idosos que frequentam a escola e dos conhecimentos oriundos da experiência corporal como relevantes para a escolarização dos estudantes. Outro aspecto é que, muitas vezes, atribui-se ao saber corporal produzido nas aulas de Educação Física o estigma de ser um conhecimento desprovido de reflexão e elaboração teórica. Por isso, torna-se comum a crença de que o fenômeno esporte é apenas um emaranhado de técnicas corporais que produz modificações na dimensão biológica do corpo dos sujeitos. Sendo assim, a reflexão referente ao esporte em uma perspectiva sociocultural – que possui condicionantes históricos, econômicos, políticos, religiosos, etc. –, tal como sugere Stigger (2005), tende a ser desconsiderada quando se pensa em conteúdos a serem ensinados sobre esse tema.

Como o estudo de Bracht (2019) sinaliza, a partir dos anos 1980, a área da Educação Física passou por um processo sistemático de mudanças e reconfigurações dos seus históricos universos simbólicos de legitimação, impulsionados pelo denominado “Movimento Renovador da Educação Física brasileira”. Com o referido movimento, tivemos a produção de obras e reflexões teóricas que reorientaram o lugar do corpo na Educação Física. Em geral, podemos dizer que, em um primeiro momento, tal produção esteve ligada a aspectos de denúncia e à apresentação de novas propostas pedagógicas e perspectivas teóricas que fossem capazes de pensar o corpo na Educação Física escolar para além da ideia de movimento racional e dominado por certo cientificismo acadêmico (Furtado; Borges, 2018).

Com isso, este estudo visa dar continuidade a mais pesquisas voltadas para essa área do corpo e sua importância no campo da Educação Física escolar. Apresentamos, então, a seguinte questão problema: qual o lugar da categoria corpo na produção de conhecimento sobre Educação Física escolar, entre 2012 e 2022, em periódicos científicos da área?

Do ponto de vista das intenções desta pesquisa, apresentamos como objetivo geral: compreender o lugar da categoria corpo na produção de conhecimento sobre Educação Física escolar, entre 2012 e 2022, em periódicos científicos da área. Como objetivo secundário, buscamos: investigar a maneira como a recente produção de conhecimento relacionada ao campo da Educação Física escolar aborda o conceito de corpo.

Metodologia

Do ponto de vista geral, o presente trabalho buscou superar a dualidade entre estudos quantitativos e qualitativos. Apesar de seu caráter reflexivo sobre uma determinada produção de conhecimento, o que, nos termos de Severino (2016), colocá-lo-ia na esfera qualitativa, este estudo realizou uma espécie de sistematização numérica das frequências e constâncias de um determinado fenômeno, o que também nos aproxima da abordagem quantitativa da ciência (Bardin, 2016).

A respeito da natureza das fontes utilizadas para a abordagem e tratamento do objeto, trata-se de um estudo bibliográfico, pois é um tipo de pesquisa que se realiza por via do registro produzido decorrente de estudos anteriores, na forma de documentos, teses, livros, artigos etc. (Severino, 2016). Assim, utilizamos uma produção e um acervo categorial e reflexivo já produzido, a fim de apresentarmos resposta à pergunta levantada.

Nesse sentido, estudamos o lugar do conceito de corpo na produção de conhecimento em Educação Física empreendida entre 2012 e 2022, já que é fundamental mapearmos o cenário

contemporâneo desse debate para projetarmos suas tendências e perspectivas de contribuições para o campo da escolarização com as práticas corporais. Nosso estudo foi efetivado em quatro notáveis periódicos científicos da área da Educação Física, que se caracterizam pela publicação de textos ligados aos campos das ciências humanas e sociais. Desse modo, as revistas selecionadas são: *Movimento*, *Motrivivência*, *Corpoconsciência* e *Conexões*.

A escolha pelo estudo a partir de artigos publicados em periódicos justifica-se em virtude da relevância desse meio de divulgação de produção de conhecimento no cenário acadêmico-contemporâneo. Assim, em decorrência dos rumos da atual política de produção de conhecimento e da pós-graduação no Brasil, as dissertações, teses, trabalhos apresentados em eventos, capítulos de livro, entre outros, tendem a serem publicados posteriormente em periódicos científicos. Nesse sentido, em virtude da legitimidade e representatividade acadêmica desse meio de divulgação da produção acadêmica, nosso estudo passa a ser efetivado em importantes periódicos científicos da Educação Física brasileira, que, de certo modo, acompanham e expressam as tensões e mudanças do campo.

Como critério de busca dos textos dentro da aba de pesquisa dos respectivos periódicos, fizemos uso de um termo/palavra-chave, a dizer: “corpo e Educação Física escolar”. Para a inclusão e exclusão dos materiais a serem contemplados no processo de análise, inicialmente lemos o resumo dos textos e, em seguida, selecionamos trabalhos que realmente tratam-se da categoria corpo relacionada com a Educação Física escolar. Deparamo-nos com estudos reflexivos, relatos de experiência, pesquisas empíricas ou documentais relacionadas com a categoria corpo. Como critério de exclusão, não tratamos de textos que realizaram alguma forma de revisão de literatura, em virtude de o nosso estudo possuir caráter similar.

Como técnica de análise dos dados, aplicamos a análise de conteúdo conforme a prescrição de Bardin (2016). Desse modo, iniciamos pela pré-análise, momento no qual são selecionados critérios e indicadores para fundamentar a escolha e a análise dos materiais, além da realização de uma leitura inicial. Em seguida, na etapa denominada “exploração do material”, elaboramos um mapa conceitual a partir de cada documento, ou seja, o processo de codificação (transformar dados brutos em fontes de análise) das informações contidas nos documentos. Por último, há o tratamento dos resultados obtidos, no qual é realizada a organização das interpretações e sínteses teóricas para exposição sistemática dos dados oriundos dos materiais.

Dentro das quatro revistas, foram coletados noventa e três artigos, sendo que oitenta e três foram excluídos da análise e apenas dez se encaixaram em nossa proposta de pesquisa. A região Sudeste é onde se concentra a maior parte dos trabalhos, totalizando sete artigos; na região Sul, concentram-se dois artigos; na região Centro-Oeste, um artigo. Em se tratando das regiões Norte e Nordeste, percebeu-se a ausência de trabalhos voltados para o tema em tela, o que demonstra uma desigualdade regional no que diz respeito à produção de conhecimento sobre o corpo e Educação Física escolar.

Sendo assim, apresentamos, no quadro 1, as revistas pesquisadas, os títulos dos trabalhos que foram encontrados e estão de acordo com o nosso estudo, seus objetivos, os autores mais citados em cada um deles, além das regiões das quais são provenientes.

Quadro 1. Produção de conhecimento sobre corpo e Educação Física escolar

REVISTA MOVIMENTO				
Título	Ano	Objetivo	Base teórica	Região
Diálogos entre o corpo e a natureza: as práticas corporais ao ar livre e a Educação Física Escolar	2015	Analisar a história das práticas corporais ao ar livre e as relações estabelecidas ao longo do tempo com o universo Escolar.	Valter Bracht Coletivo de Autores, Alain Corbim, Carmen Lúcia Soares, Ana Márcia Silva.	Sul
REVISTA MOTRIVIVÊNCIA				

Jogos tradicionais/ populares como conteúdo da cultura corporal na Educação Física escolar	2013	Refletir sobre a vivência de jogos tradicionais/populares nas aulas ministradas no programa.	Valter Bracht, Dermeval Saviani, Johan Huizinga, Roger Caillios.	Sudeste
Escola, educação física e juventude: caminhos para a cidadania	2015	O estudo investigou as contribuições da educação física e das manifestações do lazer imersas no âmbito cultural, na formação política e cidadã de jovens.	Brasil, J. Dayrell V. A. Melo.	Sudeste
Corpo e escola: o que o brincar nas filas [re]vela	2020	Investigar o brincar nas filas de uma escola de tempo integral da prefeitura municipal de Campinas.	Roseli Cação Fontana, Kethylin Viotto Recco.	Sudeste
REVISTA CORPOCONSCIÊNCIA				
A corporeidade como elo essencial na integração entre Educação Física Escolar e teatro do oprimido, em uma possível atuação na escola básica	2015	Propor a corporeidade como elo essencial para a integração entre Educação Física Escolar (EFE) e teatro do Oprimido (TO), em comida, exercícios, roupas, acessórios e estilo de vida que devemos seguir para alcançar a forma condizente com essa ideia, que, aliás, vêm sendo cada vez mais associada à do corpo saudável.	Augusto boal, Mário Sérgio Cortella, Paulo Freire.	Sudeste
A poética de corpos brincantes no contexto escolar	2016	Compreender os sentidos e os significados dos movimentos lúdico-corporais dos alunos do primeiro segmento do ensino fundamental, em atividades livres, sobretudo o recreio.	Carl Gustav Jung, David Le Breton, Gilbert Durand, Jean Jacques Courtine, Stanley Keteman.	Sudeste
O corpo lúdico como possibilidade de transgressão na Escola	2020	Interpretar manifestações do corpo lúdico no contexto escolar, assim como identificar estratégias de regulação que permeiam e constituem a cultura escolar, no sentido de controle dos corpos, dos modos de agir, pensar e expressar.	Eliane Prodócimo, Gabriel da Costa Spolaor, Michel Foucault, Rodério de Melo Grillo, Ruth Rocha.	Sudeste
Educação Física Escolar, corpo e saúde: Problematizações a partir das ciências humanas	2022	Descrever e analisar como os docentes de Educação Física estão problematizando temas relacionados com o corpo e à saúde além dos determinantes biológicos.	Pedro Xavier Russo Bonetto, Silvana Vilodre Goellner, Daniel Texeira Maldonado, Thiago Villa Lobos Mantovani, Ricardo Oliveira, Alex Branco Fraga, Yara Maria Carvalho, Valdilene Aline Nogueira, Carla Ulasowicz.	Sudeste
REVISTA CONEXÕES				

O brincar como objeto da EFE na Educação Infantil: a relação entre corpo, linguagem e criança	2021	Situar e compreender o lugar do brincar como objeto da EFE na Educação Infantil, considerando as mediações com a linguagem e com o corpo como forma de romper a visão produtivista da educação escolar e, principalmente, reivindicar o brincar com um fim em si mesmo.	Rodrigo Lema Del Rio Martins, Andrize Ramires Costa, Eliane Gomes-da-Silva, Elenor Kunz, Luciana Santos, Carolina P. Nascimento, Maria Sílvia Rocha, Marlene R. Miguesis.	Sul
Educação Física escolar, corpo e linguagem: reflexões epistemológicas no contexto brasileiro	2021	Apresentar reflexões acerca da concepção de linguagem a partir de Vygotsky, Luria, Leontiev e Bakhtin, além de dialogar sobre as relações de trabalhos da área de Educação Física.	Mikhail Bakhtin, Elenor Kunz, Alexis Leontiev, Alexander Romanovich Luria, Silvino Santin, Carmen Lucia Soares, Lev Semyonovich Vygotsky.	Centro-Oeste

Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Resultados e discussão

Nesta seção, exporemos três categorias oriundas dos procedimentos adotados, por meio da análise de conteúdo, com nossas fontes para, assim, apresentarmos e discutirmos os resultados: 1) Corpo e suas diferenciações dentro da Educação Física; 2) Educação Física escolar e culturas; 3) Ludicidade, brincadeira e Educação Física escolar.

Corpo e suas diferenciações dentro da educação física escolar

Na primeira categoria, trataremos do corpo e de como ele se manifesta, como se encontra, como é visto e apresentado nas aulas de Educação Física escolar. Além disso, falaremos de corpos que são diferentes uns dos outros, os quais fazem parte das aulas de Educação Física e precisam ser reconhecidos como tais.

O corpo perpassou uma grande evolução histórica, e isso também afeta o ensino da Educação Física escolar. Bracht (2005) tem reivindicado ao corpo a posição não mais de mero objeto, mas a de sujeito, ou seja, uma nova relação sujeito e objeto. Sendo assim, o corpo precisa ser visto como um ser histórico e cultural, tendo em vista que nossos corpos são diferentes e cada um traz consigo sua cultura e conhecimento; logo, precisa ser respeitado, não pode ser visto como um mero objeto da Educação Física.

Dessa forma, neste subtópico, faremos uma exposição de como se encontra o corpo dentro das aulas de Educação Física, levando em consideração o ensino e a aprendizagem dos estudantes. Buscaremos pensar o corpo como uma produção cultural, rompendo o olhar naturalista por meio do qual, muitas vezes, ele é observado, explicado, classificado e tratado.

Com isso, esperamos apresentar um universo corporal com alternativas relevantes e, ao mesmo tempo, pedagógicas e didáticas, a fim de que os estudantes encontrem nas aulas a cultura corporal, fazendo uma ampliação do conteúdo como o esporte, mostrando que a disciplina também faz ligação com outras práticas corporais e com princípios próprios da cultura de cada lugar. Segundo Furtado (2020), sabe-se das diferenças culturais, políticas, econômicas e pedagógicas existentes em cada região do Brasil, o que fatalmente gera múltiplas práticas e formas de organização do conhecimento. Entretanto, ao tratarmos de conteúdos práticos do corpo, estamos, de certa forma, englobando conceitos, além de ideias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras, habilidades cognitivas e outros pontos. Sobre essa questão, Goellner (2013, p. 3), discorre:

Portanto, um corpo não pode ser considerado apenas como um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, já que também faz parte dele as roupas e acessórios que o revestem, as intervenções que nele são produzidas, as imagens que são reproduzidas, a educação de seus gestos, além de todas as reinvenções, sem limites, que podem ser descobertas. Assim, os corpos podem até ter semelhanças biológicas, mas os significados culturais e sociais atribuídos é o que pode defini-los.

Para Louro (2019), essas transformações provocam novas formas de existir para todos e todas, uma vez que a inscrição dos gêneros masculino e feminino nos corpos é feita a partir das marcas de uma determinada cultura, assim como as possibilidades de expressar desejos e prazeres. As identidades corporais são sempre definidas por relações sociais, sendo moldadas pelas redes de poder de uma determinada sociedade. Dessa forma, a autora declara que todos nós existimos com muitas identidades, porque somos capazes de transitar entre diferentes culturas.

Devemos, no entanto, passar a pensar no corpo como expressão cultural que rompa o olhar naturalista, que faz sua observação querendo oferecer explicações, classificações e até tratamento preconceituoso. Nesse sentido, o corpo é compreendido de forma histórica, provisória, mutável e mutante, como uma construção que recebe marcas de diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, dentre outras identidades (Goellner, 2013).

No que concerne à Educação Física como área acadêmica e campo de intervenção profissional, procura-se sempre promover saberes relevantes sobre questões ligadas ao corpo para além dos aspectos biológicos. Para Betti e Zuliani (2002), a Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de se posicionar criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento. Logo, a Educação Física, como componente curricular da Educação Básica, deve assumir a tarefa de introduzir e integrar o aluno à cultura corporal de movimento, formando esse cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida.

Em face disso, é importante que o professor procure realizar uma aula na qual os estudantes possam, por meio do jogo, brincadeira, esporte, luta e ginástica, compreender o seu corpo dentro daquele espaço. Praticando o jogo ou a brincadeira, o estudante pode adquirir a compreensão de como pode usar seu corpo, naquele momento, a fim de executar melhor o giro, o salto, o desviar, o equilíbrio, ou seja, como melhor conduzir o seu próprio corpo na aula e “dominá-lo” com mais qualidade. Isso também pode acontecer nas práticas do esporte. Um exemplo disso se dá em uma aula de futebol, em que o educando, ao fazer o domínio da bola com alguém ao seu lado querendo dominá-la, passa a usar seu próprio corpo como obstáculo, isto é, protege, domina e conduz ao mesmo tempo que usa o corpo para correr com a bola até o lugar desejado, que é o gol. A representação simbólica da linguagem corporal, quando desenvolvida intencionalmente, ou seja, a partir do movimento corporal refletido, favorece, no campo educacional, a interação social e a construção do conhecimento dos estudantes, despertando a afetividade, a cognição e a expressão corporal (Oliveira, 1999).

Nas aulas de lutas, o professor de Educação Física ensina ao aluno diversas formas de pegadas e defesa, havendo, assim, outros tipos de compreensão do estudante em relação ao seu corpo. Na luta, o sujeito, além de conhecer seu corpo e as suas diferenças, aprende que a prática contribui para o condicionamento físico, como a flexibilidade, a respiração, a postura e a coordenação motora, ou seja, o domínio corporal do estudante por meio das aulas práticas. Nas duas últimas décadas, as lutas, assim como as artes circenses, antes marginalizadas, têm sido analisadas e compreendidas como indispensáveis componentes da cultura corporal, fazendo-se cada vez mais presentes no ambiente escolar como um conteúdo de ensino da Educação Física (Bortoleto, 2010).

Em se tratando de uma aula de ginástica, o estudante conhece e compreende seu corpo quando experimenta diferentes elementos dessa manifestação, como equilíbrio, salto, giro, rotações e acrobacias. Dessa forma, passa a praticá-la sozinho ou em grupo, usando e dominando não somente seu corpo, mas também o do colega de turma; passa a planejar estratégias coletivas

para execução dos elementos da ginástica com seus colegas durante as aulas. Com isso, cabe ao professor identificar as possibilidades e os limites do corpo do seu aluno, sempre respeitando as diferenças individuais de desempenho corporal de seu educando para que, assim, ele execute com mais êxito o que é proposto.

Sendo assim, essa categoria que emergiu do material analisado revela a sua importância, pois aborda não somente um aspecto educacional mais amplo em si, mas também o corpo dentro das aulas de Educação Física, bem como a relevância que ele tem, sendo expresso por intermédio do jogo, dança, luta, ginástica, brincadeira e outros conhecimentos. Por isso, é significativo ter esses aspectos dentro das aulas, dado que eles mostram que a Educação Física está muito além de uma simples aula de repetição de movimentos, por se tratar de um conteúdo educacional, sobretudo pensando a educação corporal crítica de seus educandos.

Educação física escolar e culturas

Nesta categoria, trataremos da Educação Física nos espaços escolares, como ela se encontra e se apresenta, além de como se encaixa a cultura educacional dentro dos conteúdos programáticos; ou seja, como se manifesta a educação cultural nas aulas de Educação Física. Assim, identificamos certa preocupação da produção de conhecimento sobre corpo e Educação Física escolar em tratar o tema da cultura vivenciada no cotidiano da escola.

A Educação Física faz parte do desenvolvimento global dos alunos, ela vem integrando as dimensões do ser humano, sendo elas: intelectual, física, mental, social e cultural. Desse modo, além de seus próprios aspectos, é necessário expandir na escola a capacidade do aluno de lidar com o próprio corpo e com a promoção do seu bem-estar. O corpo se configura, para além de sua materialidade biológica, como ponto de ancoragem da cultura, como “uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico: memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura” (Sant’anna, 1995, p. 3).

Nosso corpo é histórico e traz com ele marcas e uma cultura própria, que é vivenciada a partir de sua realidade como sujeito. Segundo Le Breton (2007), a partir do ser social e cultural que o corpo engloba, é válido considerar que ele é responsável por diversas expressões corporais existentes nos dias de hoje, afinal, o corpo expressa diversos sentimentos que fazem parte da realidade humana. Para Grandó (2014), a Educação Física escolar se conduz quando a compreensão de corpo é uma totalidade complexa que produz sentidos, e conceitua a vida a partir dos vínculos que estabelece com outros corpos no mundo dinâmico construído simbolicamente.

Tudo o que compreendemos não cabe na lógica disciplinar, mas assim como as complexas conexões necessárias para biologicamente nos manter vivos são estabelecidas dentro e fora de nós – de forma visível e invisível, conhecidas e não conhecidas – são as complexas conexões necessárias para nos vincularmos corporalmente ao mundo pela educação que nos levam ao reconhecimento na cultura – a qual também se produz em cada um de nós.

No passado, já existiam a Educação Física e a cultura, mas a primeira não era conhecida pelos povos da época como uma modalidade escolar. Quanto à cultura, o que ela é para nós? Talvez ainda tenhamos certa dificuldade para compreender, de fato, a cultura e onde ela se encontra, os ambientes educacionais nos quais ela se apresenta e de que forma ela se expressa, principalmente nos espaços escolares. A cultura está em nós, em nosso corpo, ou seja, a cultura somos nós e estamos nela inseridos. Mesmo assim, por vezes, temos dificuldades em nos debruçarmos para uma melhor análise e compreensão sobre o assunto. A antropologia clássica considera que, ao estudar uma dada cultura, um antropólogo deve realizar um duplo movimento: transformar simultaneamente o estranho em familiar e o familiar em estranho.

De acordo com Grandó (2014), nosso corpo, a partir do nascimento, vai sendo construído nessa relação com o mundo da cultura, das condições ambientais e econômicas; é pautado, portanto, no sentido que ele adquire no grupo social ao qual será integrado pelas condições socioeconômicas e culturais. Nesse viés, a escola tem um papel fundamental na promoção da interculturalidade, ou seja, no apoio, na interação e no diálogo intercultural de nossos corpos. Ainda segundo Grandó (2014), a prática pedagógica da Educação Física, em uma perspectiva intercultural, reconhece que

a cultura vivida no corpo se evidencia nas danças e coreografias, nas rezas e cantigas, nos jogos e brincadeiras, nos alimentos e na música, entre outras formas de fazer e ser. Ao professor, no âmbito do componente curricular, cabe perceber as diferenças e atuar com alteridade, de forma a contribuir para esse vir a ser.

As relações de aprendizagens marcadas no corpo, que identificam e diferenciam cada pessoa, pautam-se na imitação prestigiosa, uma vez que é a “noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador [...] No ato imitador que segue, encontram-se todo o elemento psicológico e o elemento biológico” (Mauss, 1974, p. 215). Ou seja, para Grando (2014), aprendemos com as pessoas com as quais estabelecemos laços significativos de confiança, de vínculo afetivo, que nos despertam e nos levam a repetir suas formas de fazer, de sentir e de pensar, mas essas formas também são nossas e únicas, pois são recriadas em cada contexto, vivenciadas em um ambiente e em um tempo-espço único do corpo que as vivencia.

Le Breton (2007) discorre que, paralelamente, os etnólogos são confrontados, em outras sociedades, em relação aos usos sociais do corpo, uma vez que chamam a atenção e provocam uma crítica em relação às maneiras corporais características das sociedades ocidentais que, até então, não haviam sido pesquisadas pelas ciências sociais. Em face disso, durante as aulas de Educação Física, o conteúdo pode ser tangenciando, levando-se a discussões sobre o corpo e a cultura, nos tempos atuais; a forma pelas quais se consegue identificar as diversas formas corporais dos estudantes; como eles estão em seus corpos para expressar sentimentos, movimentos, seja quando dançam e jogam no recreio e nas brincadeiras, ou quando falam e se expressam corporalmente, pois a cultura corporal está em todos os lugares e pessoas.

Seguindo essa linha de raciocínio, Le Breton (2007, p. 26) afirma:

Nas tradições populares, o corpo permanece sob a influência do universo que lhe dá energia. Ele é um condensado do cosmo, conhecemos nesse sentido as análises de Leenhardt em Do Kamo que evidenciam, na cultura tradicional canaque, a similaridade de substância entre o homem e o vegetal. Várias sociedades identificam o homem e, ao mesmo tempo, sua carne, ela o engloba igualmente numa totalidade na qual o invisível se mistura ao visível da natureza, e assim não concebem o corpo como um anexo. Não raras vezes, há ambiguidade na aplicação da noção de corpo ocidental aos grupos sociais cujas referências culturais não dão nenhum espaço ao ‘corpo’.

Seria importante que durante as aulas de Educação Física, o conteúdo fosse voltado para a produção cultural de jogos, brincadeiras e brinquedos. Dessa forma, os estudantes, junto aos seus professores, estariam valorizando a cultura da comunidade local por meio das aulas de Educação Física. A princípio, o docente deve saber equilibrar e harmonizar prática/teoria com teoria/prática, ou seja, a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa. Nesse processo, é importante que o professor de Educação Física conheça a realidade, o interesse e as características de cada aluno, isto é, identifique o conhecimento prévio desse aluno, quais são as suas vivências, experiências e brincadeiras dentro da comunidade. Para Grando e Hasse, o corpo é:

Esse território primordial onde a cultura vive em cada indivíduo. O lugar onde ela se manifesta e se revela sensível, viva. Dado que ela é aprendida desde o nascimento, admite-se que, até mesmo antes, é transmitida pelos mais velhos aos mais novos. Estes recebem-na sem contestação, inscrevem-na profundamente nas suas estruturas psicofisiológicas a partir de sua sensibilidade. Constituem as primeiras marcas, aquelas que vão ficar mais profundamente inscritas, integradas, no indivíduo. Impossível abandoná-las sem sofrimento (Grando; Hasse, 2002, p. 103).

O corpo, como já apresentamos, vai sendo construído nessa relação com o mundo da cultura desde o nascimento. Dessa forma, uma prática pedagógica que respeite e valorize o contexto cultural da comunidade em que está inserida possibilitaria a reprodução da cultura vivida pelos seus pais e avós, as quais estão sendo esquecidas na contemporaneidade porque já não importa criar tudo isso se a sociedade passou a construir as coisas para vender dentro da lógica da produtividade. Isso faz com que as crianças passem a dar valor somente aos artefatos industrializados em vez dos produtos que podem construir, divertindo-se com essa prática manual. Freire (2016) declara que a escola deveria ter como papel fundamental a apropriação e reconstrução de conhecimentos que foram e estão sendo acumulados pelos seres humanos. Isso perpassa por uma relação sensível com o corpo, uma imbricação formativa entre sensibilidade e cultura.

Todavia, de que forma a escola introduziria, durante as aulas de Educação Física, o aprendizado sobre a cultura humana para os alunos? Podemos afirmar, em consonância com Brougère (1997), que existe um duplo movimento, interno e externo, confirmando o que dissemos a respeito da relação estabelecida entre jogo e cultura, pois a criança adquire e constrói sua cultura lúdica brincando (jogando). Ao jogar, a criança se coloca em um terreno de jogo profuso e potencialmente desafiador, no qual tem a possibilidade de viver experiências distintas, provenientes dos processos culturais e interações simbólicas em toda a sua complexidade (Denzin, 1975; Brougère, 1997; Vigotski, 2007).

Por isso, reiteramos a importância da socialização dos conhecimentos adquiridos com o passar do tempo, que foram transmitidos pelos nossos antepassados. Isso porque realizar uma aula mecanicista não basta, mas também apresentar as riquezas culturais voltadas para o conhecimento do aluno em questão; e cabe aos professores tornarem realidade esse movimento pedagógico com seus alunos. Boal (2009) afirma que é preciso sair do papel submisso de mero espectador e se assumir sujeito da cena, que não só compreende o contexto no qual está inserido, mas também tem autonomia para modificar essa realidade. Enxergar o contexto/cenário, questionar as injustiças nele presentes, conscientizar-se da necessidade de mobilização para a luta contra a ideologia; é caminhar em direção à *práxis*: movimento fundamental para a transformação da sociedade.

Mauss (2003) observa que a tecnicidade não é monopólio da relação do homem com a ferramenta, antes disso há, de certa forma, outro instrumento fundador: “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem”. Podemos confirmar, então, que esse instrumento é fundamental para as aulas de Educação Física escolar, pois possibilita ao educando vivenciar a cultura dos jogos, das brincadeiras, das danças, das lutas, bem como a cultura regional, estadual, escolar e de sua própria comunidade – na qual vive e estuda e sobre a qual, na maioria das vezes, não tem conhecimento referente à cultura, devido a não ter sido apresentado a esse conhecimento durante sua vida de estudante.

Sendo assim, é importante que as escolas, junto aos professores de Educação Física busquem continuamente problematizar esse ponto tão importante para a formação dos seus educandos, pois sabemos que só se constrói algo positivo quando se caminha junto. Nessa perspectiva, para que os estudantes possam, de fato, adentrar em um espaço escolar e, a partir das aulas de Educação Física, passar a conhecer efetivamente o que é cultura, dependerá da formação escolar recebida. Mais do que pensar a educação de forma neutra/apolítica, é possível vislumbrá-la como *práxis* (Vázquez, 1990) a ser adotada por professores comprometidos com a transformação da sociedade atual, que desenvolvam a autonomia com seus educandos, levando em consideração muito mais do que aspectos fragmentados da formação do ser humano. Além disso, tão importante quanto o comprometimento do educador, é conseguir mostrar aos educandos que eles também são atores responsáveis por essas mudanças de conjuntura (Freire, 1979; Boal, 2009).

Para Grando (2014), é preciso compreendermos o corpo como produção social complexa, a autora considera que ele também o é nas sociedades complexas atuais, pois cada sociedade produz o corpo de forma distinta. Embora cada pessoa se constitua com uma identidade única, ela expressa uma identidade que a identifica com determinado grupo e uma determinada sociedade. O pertencimento se estabelece pela afetividade, e as dimensões de si e do mundo são apropriadas em cada corpo de forma singular. Com isso, cada pessoa pensa o mundo e produz seu conhecimento sobre ele, de seu lugar de origem étnica e familiar, de sua sexualidade, seu grupo social e econômico, de forma diferente em cada fase da vida. Assim, em cada fase, vai se integrando como pessoa pelos

valores culturais que lhe permitem integrar-se em grupos distintos.

O Brasil é um país rico em aspectos culturais, portanto, é preciso compreendermos que nossos corpos não são homogêneos. Logo, nossos corpos são diferentes, e essa diferenciação é encontrada nos corpos de homens e mulheres, negros, LBTBQIA+, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, entre outros, que estão presentes no espaço escolar e, conseqüentemente, nas aulas de Educação Física. Esses corpos precisam ser respeitados e incluídos na prática pedagógica dos professores. De acordo com Ferreira e Felzke (2021), o contato intercultural em uma sociedade com tanta diversidade como a nossa é algo corriqueiro, mas que, infelizmente, em muitos casos, ocorre por meio da discriminação, do desrespeito e, até, da violência. Logo, torna-se fundamental que haja intervenções no processo formativo das crianças e dos adolescentes, no sentido de que esses corpos consigam desenvolver as suas relações de modo que as suas singularidades sejam potencializadas e sustentadas por princípios de respeito e alteridade.

Sendo assim, essa categoria é importante na Educação Física, pois apresenta a relevância da cultura dentro das aulas escolares, ela possibilita aos alunos o conhecimento do que é a cultura escolar e como ela é vivenciada dentro das aulas da disciplina. Há, desse modo, o fortalecimento da cultura no espaço escolar, dado que, por via das aulas, os estudantes podem conhecer mais sobre as culturas que estão ao seu redor, como a da sua comunidade e da escola que frequentam. A cultura, embora oriente padrões e guie as condutas individuais e de um grupo, não se coloca com estruturas rígidas, ela possibilita que cada pessoa se identifique e se diferencie a partir do dinâmico, complexo e conflitivo modo como cada pessoa é no mundo.

Ludicidade, brincadeira e educação física escolar

Nesta última categoria, trataremos da ludicidade e os seus significados na área da Educação Física. Além disso, falaremos sobre as brincadeiras escolares nas aulas de Educação Física, sendo elas manifestadas em vários tempos e espaços escolares. Percebemos que nossa empiria apresenta várias discussões sobre o corpo brincante na escola e a necessidade de relacionarmos a expressão corporal com a ludicidade que emerge da experiência com as práticas corporais.

A Educação Física escolar passa a ganhar mais espaço quando se começa a dar importância para a ludicidade e brincadeira, mesmo que não seja no momento de aula propriamente dita, mas também quando se mostra que, dentro das aulas, os estudantes podem ter momentos de maior protagonismo para praticarem outras ações e se formarem como corpos conscientes. Entendemos o corpo lúdico como possibilidade de expressividade que, além dos momentos em que se propicia (ou permite) sua presença, emerge dos jogos e brincadeiras, dos comportamentos lúdicos, das condutas batoteiras e do brincar das crianças em lugares tidos como não adequados, considerados impróprios para tais condutas (Spolaor; Grillo; Prodócimo, 2020).

Por isso, é importante frisar que a ludicidade vem ganhando, aos poucos, seu espaço no panorama nacional, pelo fato de ser uma atividade voltada para a recreação e, ao mesmo tempo, para o lazer de quem está a praticar, além de contribuir para a educação escolar. Consideramos que, ao passo que a cultura escolar marca nos corpos suas normas, sentidos e significados que dizem respeito às formas de agir, pensar e se expressar, é justamente nesse processo de apropriação singular que cada sujeito faz essa cultura escolar, que viabiliza a continuidade de sua circulação (Spolaor; Grillo; Prodócimo, 2020).

Dentro da Educação Física escolar, a ludicidade também passa a ser vista como um conjunto de ações educativas integradas e fundamentadas na comunicação, na linguagem e nos movimentos por meio dos quais ela se torna natural nos sujeitos. A ludicidade tem como finalidade normatizar e aperfeiçoar as condutas globais do ser humano, tendo em vista as experiências sensoriais e motoras, emocionais, afetivas, cognitivas, além das sociais como um todo. Para Julia (2001, p. 5),

A própria cultura escolar pretende aculturar o corpo discente, naturalizando um conjunto de normas que definem os conhecimentos a se ensinar, o que e como se deve aprender, os comportamentos a inculcar, as formas de se dispor o corpo no espaço, as práticas que possibilitam a veiculação desses conhecimentos e as técnicas de incorporação de normas de conduta.

Surdi *et al.* (2016) nos alertam sobre as implicações, nos processos de planejamento e desenvolvimento, das ações didático-pedagógicas que pautam o brincar da criança no contexto escolar. Para os autores, atualmente, o brincar representa uma ação da criança com sentido errôneo e proibido, pois não reproduz a lógica dominante da sociedade, bem como se apresenta incoerente com as dimensões da produtividade exacerbada e das diferentes formas de tratamento com o tempo presente da manifestação corporal, já que a criança, ao brincar, interpreta e atua no mundo, na realidade e no/com o tempo de maneira diferente do mundo adulto e produtivo (Staviski; Surdi; Kunz, 2013).

Nesse contexto, Sporlaor, Grillo e Prodócimo (2018, p. 9) discorrem:

O lúdico, nesse contexto, emerge como uma possibilidade privilegiada de transgressão, voz e autonomia das crianças no que concerne ao excesso (latente ou manifesto) de regras e normas escolares. Embora exista uma compilação de vertentes teóricas acerca do lúdico, uma das definições mais concisas e significantes, com a qual compactuamos, considera o lúdico como possibilidade de “liberdade de expressão” manifestada no jogo, no brincar ou em outras atividades e comportamentos que engendram desafio, prazer, e, também, desprazer, tensão, evasão, incertezas, absorção, transgressão, divertimento ou outros sentimentos.

O contato das crianças com a natureza faz com que extraiam dela uma espécie de propriedade que é de suma importância para sua sobrevivência, pois possibilita sua transformação, além de deixar sua marca, sua transformação e construções de personalidade. Com esse contato, elas têm a possibilidade de extrair uma estrutura, seja ela social ou cultural, que dá suporte e representação às formas humanas.

Scapin e Camargo (2013, p. 6) pontuam que

O agir intencional humano, que interessa também à EFE, produz, como representação e estrutura histórica, sua própria consciência e sua própria linguagem (linguagem humanamente concebida) como reprodução subjetiva da realidade concreta e objetiva no plano do pensamento, indispensável para o processo de socialização da cultura elaborada e preservada.

Os autores supracitados afirmam, ainda, que o brincar, bem como o jogar e a atividade lúdica, como forma de apropriação do mundo humano, é, de fato, a atividade principal da criança, pois, para além de apropriar-se do mundo da cultura, a criança utiliza a atividade lúdica para construir um novo real com diversos sentidos, assim, constituir-se como sujeito. Por isso, é importante que a escola não se prenda somente aos conteúdos teóricos feitos dentro das salas de aulas, dado que a interação da criança com o lado lúdico da natureza, junto à possibilidade do brincar, faz parte de sua formação pessoal e humana, e isso não pode ser negado a elas. É válido mencionar que os professores de Educação Física possuem a capacidade de formular aulas que não sejam voltadas somente ao espaço fechado, mas também ao ar livre, em contato com a natureza e seu lado lúdico, sendo essa uma possibilidade emancipatória para o corpo.

Com isso, poderemos compreender o brincar como um tempo exclusivo para que a criança e os demais sujeitos da escola venham a se expressar com movimentos e ações voltadas para o entendimento corpóreo, havendo uma suplementação das próprias necessidades. Assim, cabe ao professor de Educação Física respeitar esse momento de seu educando, sem que haja um recuo no seu aprendizado corporal.

Ademais, julgamos ser importante essa categoria em virtude do diálogo que os textos realizam entre a ludicidade, o brincar e o corpo. Existe uma possibilidade formativa por via do lúdico, uma espécie de tensão carregada de alegria e potencial criativo capaz de conectar o corpo com experiências únicas de aprendizagem e formação. Tal como demonstrado pela produção de conhecimento, consideramos que esse é um caminho fundamental para a Educação Física escolar, isto é, imbricar o corpo, o brincar e a ludicidade em práticas educativas nas mais diferentes etapas

e modalidades de ensino da educação básica.

Conclusão

Com a construção desta pesquisa, foi possível identificar três categorias, por meio da metodologia do nosso trabalho, com base na revisão de literatura, as quais têm relação com o objetivo geral da pesquisa, que é estudar o lugar da categoria corpo dentro da produção de conhecimento em Educação Física, isso tudo dentro do campo científico vinculado às áreas das ciências humanas e sociais. Após a obtenção dos resultados do estudo, foi necessária a criação da categoria “Corpo e suas diferenciações dentro da educação física” – a qual é relevante no contexto da atualidade educacional –, em que o corpo é um lugar de construção, reconhecimento e formação do sujeito.

O corpo e suas diversidades podem contribuir para a construção da identidade diversificada da pessoa, permitindo que elas, mesmo com suas diferenças, possam se expressar com total liberdade. Essa é uma perspectiva fundamental para a Educação Física escolar do nosso tempo, quer dizer, considerar a possibilidade expressiva de todos os corpos.

A segunda categoria, “Educação Física Escolar e Culturas”, aborda o desenvolvimento do estudante em relação à integração humana, seja ela intelectual, física, mental, social ou cultural no que concerne ao ambiente escolar. Dessa forma, permitir-se-á ao aluno uma conexão entre ele e a natureza ao seu redor, a qual estimulará o seu desenvolvimento, além de possibilitar um conhecimento com outras áreas. Por meio da cultura escolar, é possível trabalhar, com os educandos, seus valores, respeitos, conhecimentos e autonomia. E isso tudo passa a contribuir para a formação de futuros cidadãos, que começam a ter consciência de seu lugar como sujeitos capazes de transformar o mundo. Logo, é fundamental que os professores da área da Educação Física abordem esse assunto dentro de suas aulas, capacitando e integrando seus alunos, sempre considerando que essas vivências culturais estejam inseridas no contexto escolar.

Por fim, a última categoria, denominada “Ludicidade, Brincadeira e Educação Física Escolar”, visa expressar aspectos da relevância da ludicidade dentro das aulas de Educação Física junto às brincadeiras. Ludicidade e brincadeira, no tempo presente, entendem o corpo como uma possibilidade de expressão, pois é nesse momento que as crianças/estudantes vivem seu momento de forma livre e não controlada. Quando trazemos a ludicidade para dentro da Educação Física escolar, percebemos que ela pode se apresentar em um formato educativo, desde que se faça integrações que são fundamentais ao desenvolvimento do aluno.

Devemos, antecipadamente, pensar no bem-estar de nossos educandos, tanto no espaço escolar como no não escolar. Por essa razão, é essencial que haja uma contribuição das escolas e dos professores para que haja mudança nesse quadro, pois é dentro do ambiente escolar que as crianças e jovens passam a maior parte de seu tempo. Assim, essa é uma forma de promover as modificações relacionadas à saúde corporal no ambiente escolar. Por meio das ações apresentadas, eles podem ter a sensibilidade de pensar na importância do cuidado com o corpo e o que podem fazer usando o corpo nas aulas de lutas, dança, esporte, brincadeiras, ginástica, assim como em atividades de cultura e lazer, que se englobam nisso tudo.

Dessa forma, pensar o corpo dentro desses aspectos é imprescindível, pois é uma forma de voltar o nosso olhar para certas áreas antes invisibilizadas dentro da escola; ou seja, elas sempre estiveram presentes, mas não eram devidamente percebidas. Sendo assim, se passam a fazer parte do conteúdo escolar, adequando-se às aulas de Educação Física, junto às necessidades que elas apresentam no seu decorrer, haverá um melhor desenvolvimento do educando com os seus colegas e sociedade, devido aos conhecimentos adquiridos durante as aulas.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes

- pedagógicas. **Revista Mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n. 1, 2002.
- BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí: Fontoura, 2010.
- BRACHT, Valter. **A educação física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que ela pode ser** (elementos de uma teoria pedagógica da educação física). Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.
- BRACHT, Valter. *Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica*. Recife: EDUPE, 2005
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997
- DENZIN, Norman K. Play, games and interaction: the contexts of childhood socialization. **The sociological quarterly**, v. 16, n. 4, p. 458-478, 1975.
- FERREIRA, Fabrício Gurkewicz; FELZKE, Lediane Fani. As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas. **Revista Cocar**, v. 15, n. 32, 2021.
- FRANCHI, Silvester. Jogos tradicionais/populares como conteúdo da cultura corporal na Educação Física escolar. **Motrivivência**, n. 40, p. 168-177, 2013
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Grall, 2000.
- FURTADO, Renan Santos; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. Educação Física Brasileira entre 1980 e 1995: novos olhares sobre a produção do conhecimento. **Filos. e Educ.**, Campinas, v. 10, n. 3, p. 506-535, set./dez. 2018.
- FURTADO, Renan Santos. Práticas corporais e educação física escolar: sentidos e finalidades. **Corpoconsciência**, p. 156-167, 2020.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GRANDO, Beleni Salette. Do corpo e da cultura: indícios da realidade na perspectiva intercultural. **Arquivos em Movimento**, v. 10, n. 1, p. 138-154, 2014.
- GRANDO, Beleni Salette; HASSE, M. Índio brasileiro, integração e preservação. *In: FLEURI, Reinaldo (Org.). Culturas no Plural: estudos emergentes*. Grupo de Pesquisa Integrado/Educação Intercultural - UFSC/CED, Florianópolis, 2002. p. 101-116.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.
- LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física escolar, corpo e saúde: problematizações a partir das ciências humanas. **Corpoconsciência**, p. 1-19, 2022.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. *In: Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974. p. 211-233. (Volume II).

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. *In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Existe espaço para o ensino de educação física? **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 2, p. 119-135, jun. 1999.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCAPIN, Gislei José; DA SILVA CAMARGO, Maria Cecília. O brincar como objeto da EFE na educação infantil: a relação entre corpo, linguagem e criança. **Conexões**, v. 19, e021038-e021038, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2007.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SPOLAOR, Gabriel da Costa; GRILLO, Rogério de Melo; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e escola: o que o brincar nas filas [re]vela. **Motrivivência**, v. 32, n. 62, p. 1-16, jun. 2020.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, esporte e diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em 30 de novembro de 2022

Aceito em 15 de setembro de 2023